

A resenha de Cândido de Figueiredo ao "Nomes de aves em língua Tupi" de Rodolfo Garcia e notas bibliográficas sobre esta obra

Fernando Costa Straube¹
&
Dione Seripierri²

O português Antônio Cândido de Figueiredo (1846-1925) foi um dos mais destacados - e ao mesmo tempo polêmicos - filólogos da língua portuguesa (Holtus *et al.*, 1994; Fonseca, 1998; ABL, 2006) já nas portas do Século 20. Nesse ofício, foi autor de várias obras, distingüidas em temas como lingüística (dicionários, análises críticas, etimologia), literatura (ficção, romances, versos, prosas), ciências morais e sociais (direito, história, geografia), traduções e publicações periódicas (Figueiredo, 1917).

Uma de suas mais importantes produções foi o "Novo Dicionário da Língua Portuguesa" (NDLP), lançado em 1899 e que é considerado uma verdadeira revolução para a época, contrapondo-se aos consagrados "Dicionário da Língua Portuguesa" (Antônio de Moraes Silva, 1789) e o "Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa" (iniciado por Caldas Aulete e continuado por Antônio Lopes dos Santos Valente e sucessores; primeira edição de 1881) (Fonseca, 1998).

O NDLP, marco na lexicografia lusófona, teve sete edições, sendo datada de 1926 a última (quarta) que ele acompanhou sozinho e em vida. Nas versões subseqüentes, outros pesquisadores levaram adiante o seu trabalho, considerando todo o farto material que teria ajuntado em décadas de pesquisa, tanto de autores portugueses quanto brasileiros (Fonseca, 1998).

Cândido de Figueiredo foi fortemente repellido por suas idéias ortodoxas e inflexíveis, inclusive em Portugal (Vasconcelos, 1891a,b); no Brasil, temia-se que contribuições deste tipo fossem prejudiciais à autonomia lingüística da nação (Velloso, 2005). Nascentes (1921 e subseqüentes), por exemplo, considerava inconcebível, no Brasil, a adoção das regras para normatização do português de Portugal: "O pas-

sado literário de Portugal é dos portugueses, não é nosso".

Como resposta a suas intervenções, recebeu duras críticas de Afonso D'Escragnole Taunay (1914, 1924, 1925a, 1926, 1927, 1928, 1932) e Rodolfo von Ihering (1916, 1917), no campo das ciências biológicas. Tanto um quanto o outro, consideravam inaceitável a carência de pesquisadores dos vários campos do conhecimento (leia-se Zoologia, mas também outras áreas: *vide* Taunay, 1925a), na preparação de dicionários da língua portuguesa.

Com referência à avifauna do Brasil, Cândido de Figueiredo (1917) - além dos vários verbetes alusivos em seu dicionário - escreveu também uma análise crítica sobre o dicionário de nomes tupis de Garcia (1913, 1914; *vide* também Garcia, 1929).

Interessado em incorporar informações de autores brasileiros em sua incansável coleção de verbetes, Cândido de Figueiredo (1917) chegou a avaliar crítica e positivamente uma obra que se tornou clássica na bibliografia zoológica brasileira: "Nomes de aves em língua tupi" de Garcia (1913a,b; 1914a,b; 1929), afirmando ser um "erudito ornitólogo brasileiro". Cabe um reparo, neste sentido, uma vez que Rodolfo Augusto de Amorim Garcia (1873-1949) (Figura 1) não se dedicava à Ornitologia, sendo a obra supra a que mais teria se aproximado deste ofício. Esse estudioso potiguar era, na realidade, militar, advogado e historiador, além de lexicógrafo (ABL, 2006). Segundo suas próprias palavras: "...o seguinte glossário afigura-me uma contribuição, modesta embora, à lexicographia portugueza, e é esse também o seu principal intento".

A obra de Garcia é, sem dúvida nenhuma, uma valiosa intervenção à nomenclatura popular e à lingüística indígena, recebendo diversos elogios e citações como, por exemplo, por parte de Rodolpho von Ihering (1968:19):

"Repassando neste sentido a obra de



FIGURA 1. Rodolfo Garcia (1873-1949), autor do "Nomes de aves em língua tupi" (Fonte: <http://www.biblio.com.br/conteudo/biografias/rodolfogarcia.gif>, acessada em 21 de dezembro de 2006).

T.Sampaio [refere-se ao clássico: "o Tupi na Geografia nacional"], tivemos a corrigir numerosos erros e sugerir que fôsse procurada outra etimologia para tais palavras em que a interpretação dada não concorda com o significado. Como então o assinalamos, pudemos verificar que Rodolfo Garcia em 'Nomes de Aves em Língua Tupi' fôra mais criterioso na análise de etimologia dúbias, pois que em seu trabalho não encontramos contradições como as que aqui assinalamos".

Algo que merece ser destacado, e que poderia suscitar dúvidas bibliográficas, é que o "Nomes de aves em língua tupi", embora concluído em 1911 (*vide* Figura 2), foi publicado pelo Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio (Rio de Janeiro) em três partes, sendo a primeira de 1913 (Garcia, 1913a) e as duas seguintes em 1914 (Volume 3, respectivamente números 1 e 3; Garcia, 1914a,b). Logo após o lançamento de primeira parte, ocor-

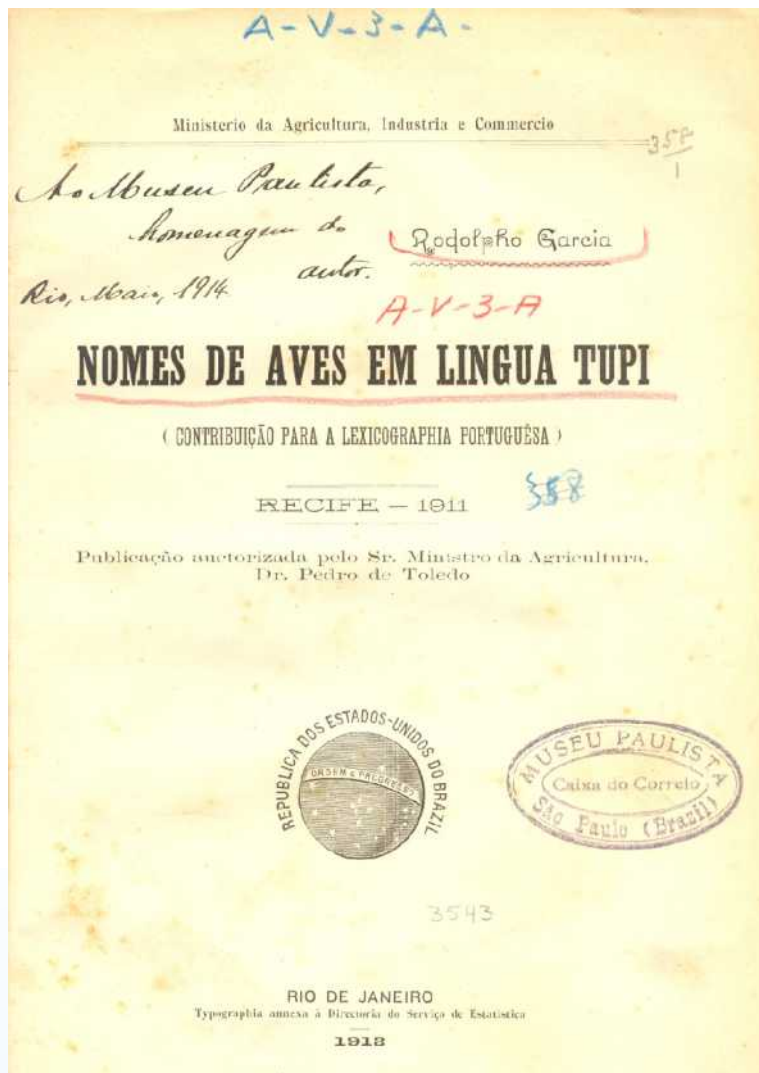


FIGURA 2. Folha de rosto do exemplar autografado que foi enviado pelo autor ao acervo do "Museu Paulista" em 1913 (esq.) e do Volume 3 (Anno III) do Boletim do Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, onde saiu a terceira e última parte do artigo (Garcia, 1914b). (Fonte: Biblioteca do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo).

reu uma edição em forma de livreto, com conteúdo integral (Garcia, 1913b), uma vez que a tiragem do Boletim fôra considerada muito pequena (Garcia, 1929). As três partes da primeira versão são, de fato, muito raras e presentes em apenas poucas bibliotecas brasileiras, em especial aquelas que tinham o assunto em pauta (no caso, Lingüística e Ornitologia) em suas atribuições.

Já a terceira apresentação da obra apareceu 16 anos depois (Garcia, 1929), não havendo dúvida de que o autor acatou pelo menos duas das sugestões apresentadas na resenha de Cândido de Figueiredo:

- correção dos erros tipográficos para os verbetes "tabujajá" (em 1929 não mais consta "tubujajá") e "tuí" (não consta "tiu");
- adequação da grafia aportuguesada para "urutaurana" e "pepoaçá" (embora neste

caso não tenha seguido totalmente a sugestão: manteve o acento para indicar ser palavra oxítone mas desconsiderou o uso da grafia latina: *pepoaza*).

Por outro lado, desconsiderou o alerta para que não usasse o "y" nos verbetes "muyá" e "tuyuyú", os quais manteve sem qualquer alteração de grafia. Outros exemplos da manutenção desta letra aparecem em várias outras passagens: "araçua-y-ava" (ausente em Garcia, 1913a), "araçy-uirá" (como "aracy-uirá" em Garcia, 1913a), "coaracy-mimby", "coaracy-uirá", "tabuyayá", "tuyuyú-guaçu" e "tuyuyú-pará" (além das citadas).

Apesar de ter considerado algumas sugestões de Cândido Figueiredo, não há qualquer citação à resenha do autor português em sua nova versão, nem mesmo na "Bibliographia" (em Garcia 1913a,b, o subtítulo é "Literatura") que, aliás, enumera

três referências datadas de 1913 ou posteriores e que, portanto, são provas de que complementou o estudo com a consulta a títulos adicionais.

Há também várias outras modificações realizadas em 1929, conforme pode-se observar confrontando com a versão de 1913. Logo no início, Garcia (1913a:97) afirma que o "Nomes de aves em lingua tupi" nada mais é do que um excerto de um estudo mais completo, inédito por circunstâncias inerentes à sua vontade, intitulado "Glossario das palavras portuguesas derivadas da lingua tupi". Esse trecho foi excluído da versão de 1929, certamente por que o formato mais completo acabou sendo publicado mais tarde como seu "Diccionario de brasileirismos" e "Glossario das frases e palavras da lingua tupi" (Garcia, 1915, 1919). Outros fragmentos que destoam consideravelmente entre as duas

TABELA 1. Confronto de fragmento selecionado segundo as duas versões do "Nomes de aves em língua tupi" de Garcia (1913a, à esquerda; 1929, à direita). O grifo, salientando discrepâncias mais notáveis entre as duas versões, é nosso.

"[...] Inventariando-os neste glossario, consegui interpretar etymologicamente uma quóta que excede em muito a daquelles que me precederam nesta ordem de estudos; muitos, todavia, não poderam ser explicados, e por esse motivo foram omittidos; de alguns outros, não tive a origem por sufficientemente comprovada e era de razão que os eliminasse também; outros ainda, por evidentemente onomatopaicos, deixaram de ser colleccionados, e esses em numero mais consideravel que quaesquer outros.

Devêra, talvez, colligi-los todos; mas como me propuzesse apenas a confeccionar um elucidario etymologico de termos originarios do tupi, entendi sómente a esses dever estender a minha collectanea.

Em sua grande maioria, não foram esses nomes apontados em nenhum dicionario da lingua, ou mesmo em vocabularios especiaes; não vejo, entretanto, motivo ponderavel para isso, desde que, segundo o conceito do eminente critico D.Juan Valera, expresso na introdução do Vocabulario Rioplatense Razonado, de Daniel Granada, --- um vocabulo, quando designe um objecto natural, que tenha acaso um nome scientifico, sendo usual e corrente, é tão legitimo como o mais antigo e castiço.[...]."

"[...] Inventariando-os neste glossario, consegui interpretar etymologicamente uma quóta que de muito excede a dos que me precederam nesta ordem de estudos; muitos, todavia, não poderam ser explicados, e por essa razão foram omittidos na primeira edição deste trabalho. Nesta, melhor aconselhado, resolvi dar-lhes a acollida que merecem, uma vez que, embora desfigurados ou corrompidos, tenham origem tupi sufficientemente comprovada.

Em sua grande maioria não foram ainda esses nomes apontados em nenhum dicionario da lingua portuguesa, ou mesmo em vocabularios especiaes; não ha, entretanto, motivo ponderavel para isso, porque, segundo o conceito de eminente autoridade, um vocabulo, quando designe um objecto natural, que tenha acaso nome scientifico, sendo usual e corrente, é tão legitimo como o mais antigo e castiço [...]."

TABELA 2. Número de verbetes, por iniciais, em confronto com as duas versões do "Nomes das aves em língua tupi".

Letras iniciais	Garcia, 1913a	Garcia, 1929
A	44	84
B	7	13
C	30	55
E	1	2
G	28	42
H	0	3
I	24	32
J	34	67
M	21	30
N	4	6
P	13	23
Q	2	4
S	38	67
T	39	61
U	18	27
V	1	2
X	0	1
Z	2	2
Total	306	521

edições, estão apresentados nas tabelas 1 e 2; esta última evidencia que, além de mudanças de corpo de texto, Garcia também procedeu consideráveis inclusões, com base nas fontes posteriormente consultadas.

Todas as obras citadas no presente estudo, além de outras que certamente existem mas passaram despercebidas, são um nítido reflexo da preocupação dos cientistas quanto à terminologia científica zoológica e sua participação na lexicografia da língua portuguesa do Brasil. A grafia sugerida para palavras de origem indígena, por séculos debatida, já neste período entremeava-se pelos campos da Zoologia, gerando debates motivados por diversas ques-

tões de cunho técnico, mas também influenciados por aspectos de foro íntimo e mesmo de um curioso patriotismo lingüístico.

Avaliações destas obras clássicas são absolutamente fascinantes pelos meandros que se formaram - mas foram pouco divulgados - no intercâmbio entre os estudiosos das ciências naturais, consistindo de campo vasto que merece ser explorado.

AGRADECIMENTOS:

Sou grato a José Fernando Pacheco (CBRO) e Cláudia Alves de Melo (Museu de Zoologia/USP) pela presença sempre constante e pelas indispensáveis indicações bibliográficas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABL. 2006. **Sócios correspondentes.** Hipertexto no site da Academia Brasileira de Letras, disponível online em <http://www.academia.org.br>; acessado em 30 de novembro de 2006.
- Cunha, A. G. da. 1982. **Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi.** São Paulo, Melhoramentos. 357 pp.
- Figueiredo, [A.] C. de. 1917. **Novas reflexões sobre a língua portuguesa.** Lisboa, Livraria Clássica Editora. 326 pp.
- Fonseca, F.V. P. da. 1998. **Os melhores dicionários de português.** Hipertexto, disponível online em <http://ciberduvidas.sapo.pt/diversidades/0598.html>; acessado em 30 de novembro de 2006.
- Garcia, R. 1913a. Nomes de aves em língua tupi (Contribuições para a lexicographia portuguesa). **Boletim do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio** 2(4):98-112 [1º parte: introdução e verbetes de A até H]
- Garcia, R. 1913b. **Nomes de aves em língua tupi** (Contribuição para a lexicographia portuguesa). Rio de Janeiro, Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio. 37 pp.
- Garcia, R. 1914a. Nomes de aves em língua tupi (Contribuições para a lexicographia portuguesa). **Boletim do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio** 2(5):102-111 [2º parte: verbetes de I até S].

Garcia, R. 1914b. Nomes de aves em língua tupi (Contribuições para a lexicographia portuguesa). **Boletim do Ministerio da Agricultura, Industria e Commercio** 3(1):65-70 [3º parte: verbetes de T até Z].

Garcia, R. 1915. **Dicionario de brasileirismos:** peculiaridades pernambucanas. Rio de Janeiro, Editora Nacional.

Garcia, R. 1927. Glossario das palavras e phrases da lingua tupi. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro** 94(148):5-109.

Garcia, R. 1929. Nomes de aves em língua tupi. **Boletim do Museu Nacional** 5(3):1-54.

Holtus, G.; Metzeltin, M. & Schmitt, C. (eds). 1994. **Lexikon der Romanistischen Linguistik (LRL).** Volume 6(2). Tübingen, Max Niemeyer Verlag. Disponível online em <http://www.instituto-camoes.pt/CVC/hlp/biblioteca/lexicon3.pdf>; acessada em 1 de dezembro de 2006.

Houaiss, A. & Villar, A. de S. 2001. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro, Editora Objetiva. 2922 pp.

Ihering, R. von. 1916. Dictionarios portugueses. **Revista do Brasil (Factos e Ideias)** 1(2): 76-81.

Ihering, R. von. 1917. Os nomes zoológicos em português. **Revista do Brasil** 2(4):282-290.

Ihering, R. von. 1968. **Dicionário dos animais do Brasil.** São Paulo, Editora UnB. 790 p.

Navarro, E. de A. 1999. **Método moderno de tupi antigo:** a língua do Brasil dos primeiros séculos. Petrópolis, Editora Vozes. 619 pp.

*Taunay, A. d'E. 1914. **Lexico de lacunas:** Subsídios para os dictionarios da lingua portugueza. Lexico de termos vulgares, correntes no Brazil, sobretudo no estado de São Paulo, e de acções de numerosos vocabulos, ainda não apontados nos grandes dictionarios da lingua portugueza. Tours, E. Arrault e Cie.; 5 vols, 223 p.

*Taunay, A. d'E. 1924. **Vocabulario de omissões:** Collectanea de milheiro e meio de palavras correntes no Brasil, e em Portugal, não registadas [!] na terceira ed. do Novo dictionario da lingua portugueza do Sr. Candido de Figueiredo. S.e..

Taunay, A. d'E. 1925a. O snr. Candido de Figueiredo e a ecologia. **Revista do Brasil** 113:55-63.

Taunay, A. d'E. 1925b. A Chimica Mineral no "Novo Dicionario" do sr. C. de Figueiredo, em terceira edição. **Revista do Brasil** 27(109):5-12.

Taunay, A. d'E. 1925c. A Chimica Organica no "Novo Dicionario da Lingua Portuguesa" do sr. Candido de Figueiredo, em terceira edição (1923). **Revista do Brasil** 28(110):109-117.

Taunay, A. d'E. 1925d. A Chimica Organica na terceira edição do Novo Dicionario da Lingua Portuguesa de autoria do sr. Candido de Figueiredo (192). **Revista do Brasil** 28(112):301-309

*Taunay, A. d'E. 1926. **Reparos ao Novo Dicionário de Candido de Figueiredo**. Tours, Arrault e Cie. 111 p.

*Taunay, A. d'E. 1927. A terminologia zoológica e científica em geral e a deficiência dos grandes Dicionários Portuguezes. **Revista do Museu Paulista** 15(2):275-383.

*Taunay, A. d'E. 1928. **Insufficiencia e deficiencia dos grandes dictionarios portuguezes: polemica com o sr. Candido de Figueiredo**. Tours, Arrault e Cie. 156p.

*Taunay, A. d'E. 1932. **Inópia científica e vocabular dos grandes dictionarios portuguezes**. São Paulo, Imprensa Oficial. 182 p.

Vasconcelos, J.L. de. 1891a. As "**lições de linguagem**" do sr. **Candido de Figueiredo: analyse critica**. Lisboa, Tipografia d'O Dia. 60 p.

Vasconcelos, J.L. de. 1891b. **O Galho depenado. Réplica às "caturrices" philologicas do sr.**

Candido de Figueiredo. Lisboa, Tipografia d'O Dia. 52 p.

Velloso, M.P. 2005. Falas da cidade: conflitos e negociações em torno da identidade cultural do Rio de Janeiro. **ArtCultura** 7(11):159-172.

1. *Mülleriana*: Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais (<http://www.mulleriana.org.br>); Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos/CBRO (<http://www.cbro.org.br>); e-mail: urutaum@mulleriana.org.br; 2. Biblioteca, Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo/USP (<http://www.usp.br/mz/>); e-mail: seripier@usp.br.

ANEXO

Capítulo 20 da obra "NOVAS REFLEXÕES SÔBRE A LINGUA PORTUGUESA" (Figueiredo, 1917:187-190)

XX

Aves brasileiras

Como contribuição para a lexicografia portuguesa, o Sr. Rodolfo Garcia, erudito ornitólogo brasileiro, publicou oficialmente, pelo Ministério da Agricultura, uma interessante monografia, que intitulou *Nomes de Aves em Língua Tupi*.

Coube-me a honra de receber um exemplar dessa publicação; e, afora o agradecimento, que de si se entende, tenho a satisfação de registrar e aplaudir o aparecimento da referida monografia.

A esta hora, são inventariadas, pelo menos, 1.686 espécies de aves brasileiras; mas o Sr. Rodolfo Garcia propôs-se meramente a organizar um elucidário etimológico dos nomes das aves, originários do tupi, elucidário que, ainda assim, abrange mais de duzentos nomes.

De passagem advertirei que o autor, afirmando que êsses nomes, em sua grande maioria, ainda não foram apontados em nenhum dicionário da língua, labora num equívoco, facilmente explicável, visto que o Sr. Rodolfo Garcia não consultou, a tal respeito, todos os dicionários da língua. Se êle tivesse visto, por exemplo, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, facilmente teria verificado que nesse dicionário estão registados muitíssimos desses nomes de aves, originários do tupi. Bastará ponderar que, dos onze nomes, compreendidos na página 17 da monografia, o *Novo Dicionário* já tinha registado seis.

Mas ainda bem que sabemos não estarem todos registados em dicionários da

língua, porque eu, pelo menos, já posso juntar alguns subsídios ornitológicos para a 3ª edição do *Novo Dicionário*, ainda que ela se não faça em minha vida.

Já se entrevê portanto a sinceridade dos meus agradecimentos.

Estudando, porém, esta valiosa monografia, casos há em que hesitarei na adopção morfológica de um ou outro nome.

Assim, creio têr havido êrro de revisão tipográfica em *tubujajá*, que deve ser *tabujajá*.

O mesmo sucede com *tui* que lá nos aparece sob a fôrma de *tui*.

Urutáurana, que é como o autor escreve, não me parece que se possa acentuar assim. O acento agudo é privativo de vogais tônicas, e aquele *á* não é a vogal tônica, se é certo que o tupi não tem vocábulos esdrúxulos.

Naturalmente, o autor também pronuncia *urutaurâna*, (acento tônico na penúltima sílaba); mas entendeu que, sendo aberto o primeiro *a*, podia sobrepor-lhe acento agudo. Não era porém preciso, visto que o *a* do ditongo *au* é sempre aberto: e, ainda que conviesse acentuá-lo, só lhe podia competir o acento grave, visto que não é a vogal tônica da palavra. Nem só inventou ainda outro recurso, apesar do desamor, com que a rotina recebe o acento grave.

Também me oferece dúvidas a fôrma, adoptada pelo autor, de *pepoasá*, a que o Brasileiros dão vulgarmente o nome de *pombinha das almas e maria-branca*.

É que eu sei que o nome científico daquela ave é *taenioptera pepoaza*, e não há razão nenhuma para substituímos o *z* científico por um *s* de convenção. E, depois, a palavra será oxítone como a aparenta o autor? ou será paroxítone, como é o nome latino? A esta dúvida, melhor se responderá no Brasil, do que da banda de cá do Atlântico.

Na transcrição dos nomes tupis-guaranis, adoptou o autor a ortografia usual, e por isso grafou *myuá* e *tuyuyu*.

Mas a lexicografia moderna está intimamente relacionada com a Glótica; e, na língua portuguesa, a ciência da linguagem não aceita o exótico *y*, salvo em vocábulos de origem grega, entre supostos etimologistas. Ora, aquelas palavras não são de origem grega; e, embora os Jesuítas vulgarizassem a adopção do *y*, para representação do *i* gutural dos Tupis, é certo que êsse *i* gutural desapareceu na pronúncia brasileira e em toda a pronúncia portuguesa, desaparecendo portanto o pretexto para se representar por *y* qualquer som gutural, que já não existe.

Se a lexicografia não pôde nem deve seguir caminho avêso ao da ciência da linguagem, há vantagem e até necessidade em se corrigirem as fórmulas usuais, que a ciência enjeita.

Como se vê, são isto simples anotações, a que nos obrigam os interesses da língua, ou meras restrições de fôrma, que não desabonam os méritos reais da substanciosa monografia do distinto ornitólogo brasileiro.